

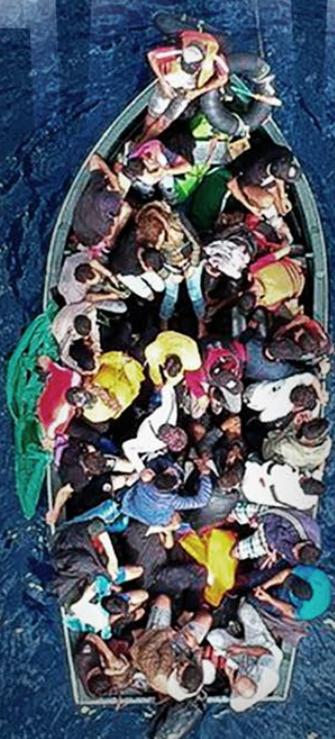
FACULDADE CAL DE ARTES CÊNICAS
apresenta os alunos formandos
da Turma BT38A em

CAL

MIGRAAANTES

DE MATEI VISNIEC

DIREÇÃO MARCUS ALVISI



òu Têm
Gêntê Dêmâis
nêssã Mêrdã
dê Bârcô

06 A 09/JULHO . QUI/SEX/SÁB 20H . DOM 19H

ESPAÇO SERGIO BRITTO . UNIDADE CAL GLÓRIA . RUA SANTO AMARO 44
LOTAÇÃO LIMITADA MEDIANTE NOME NA LISTA . ENTRADA FRANCA

Matéi Visniec é um dos mais importantes autores do teatro contemporâneo, tendo sua obra traduzida e montada em diversos países. Em suas peças, aborda os dramas e as grandes contradições do mundo globalizado, como em **MIGRAAAAANTES**, em que o absurdo da ficção é superado pela brutalidade do mundo real.

Agradecemos ao diretor **Marcus Alvisi**, parceiro de longa data, que apoiado por talentosa equipe, está à frente do espetáculo de formatura da Turma BT38A, que conclui no primeiro semestre de 2023 o Bacharelado em Teatro da Faculdade CAL de Artes Cênicas.

Que estas atrizes e atores continuem sempre inquietos, enfrentando com responsabilidade, paixão e vigor os desafios da bela profissão que escolheram, é o que desejamos.

*Alice Reis, Gustavo Ariani
e Hermes Frederico*



Montei este texto em 2018. De lá pra cá os números de migrantes pelo mundo só aumentaram. Exatamente há 3 semanas, enquanto ensaiava esse novo espetáculo, muito diferente daquele de 2018, embora com a mesma peça, no mar da Grécia, 278 pessoas entre idosos, crianças, homens e mulheres desapareceram naquelas águas. Cerca de 150 afegãos refugiados estão morando no aeroporto de Guarulhos há muito tempo. Foram transferidos para um abrigo em Praia Grande SP, após um imbróglio entre autoridades. A prefeitura daquela cidade disse que impediria a entrada dos ônibus que levariam os imigrantes.

Migrantes, de Matéi Visniec é um texto que dilacera, despedaça, corta e jamais cicatriza. Traz a tempestade para dentro do palco. Trata-se *ipsis litteris*, do êxodo que parte do oriente médio, África do Sul do Saara à Europa. Trata-se de um texto que, fuge com todas as letras, do tal enfadonho POLITICAMENTE CORRETO. Muito em voga em nossos tempos.

Denominada crise dos refugiados desde início de 2014. Chega à cifra, deslocados à força, aos inacreditáveis quase 60 milhões à época. Hoje são 100 milhões de seres humanos, dos quais muitos não chegaram. Idosos, menos idosos, adolescentes, crianças. Todos que tentaram atravessar via marítima não foram poupados. Não vou mais me estender em números nesse breve texto, pois todos podem pesquisar no Google. Porém, quero salientar que, Migrantes, embora seja uma peça de teatro, seu autor na época era jornalista do Le Monde, e tudo que vocês vão ver em cena é fruto de matérias de jornal feitas *in loco*.

Migrantes é o soçobramento total.

Um grito tonitruante, restando apenas o silêncio. São personagens que existem, ou pior, existiram. Muitos não conseguiram cumprir o seu destino. Seus sonhos foram afogados pelas águas. Aqui a realidade extrapola qualquer ficção. A peça tem a respiração do presente. Temos aí o retrato falado do momento atual. O momento do homem, do mundo. Se trata de uma foto-grafia explícita, uma radiografia do palpável. Daquilo que nos abala e nos emudece.

Aqui o teatro recupera pulsação e febre, volta à fratura exposta. A dramaturgia deixa de ser esparadrapo e volta ao bisturi. Não mais aquilo que cauteriza, mas que rasga a carne e esfolia a espinha.

A cena da personagem ZARAH, que assiste a mãe ser apedrejada nas ruas do Irã. Trata-se de ANJO DO APOCALIPSE, de Clóvis Levi. Texto que tive o prazer de dirigir em 2019. Deixo um agradecimento ao seu autor por ter permitido eu usar seu texto dentro de um outro texto. Tenho certeza de que esta cena dialoga à perfeição numa espécie de harmonia quase desconcertante com as personagens de Migrantes.

Estamos quase na estreia quando escrevo este texto para o programa da peça. Tenho o hábito de reservar alguns segundos de silêncio antes do ensaio. Pois tenho consciência de estar falando de pessoas que existiram e não resistiram às águas. Um breve silêncio dentro de mim que se materializa no grito mudo da personagem que procura o seu filho, a nora e dois netos no cemitério criado numa ilha grega. Qualquer semelhança com os fatos é o que realmente existe. Precinto ser por todos eles esse meu silêncio. Espero muito que neste momento estejam em algum lugar, que “ a água não os molhem, o vento não os sequem, o fogo não os queimem” como bem diz o sexto livro do Mahabharata. O Bagava Gita. Om, Paz, Amém.

PALAVRAS DO DIRETOR MARCUS ALVISI

Agradecimento especial
Murilo Carrão e Rafael Telles

elencò
bt38â



Alexia
Lameira



Bruna
Caenazzo



Elton Castro



Joana
Alcântara



Laura Siena



Leonardo
Martinoli



Lia Carla



Marcelo
Felga



Marina
Montecchio



Paloma
Pourchet



Rafael Meihy

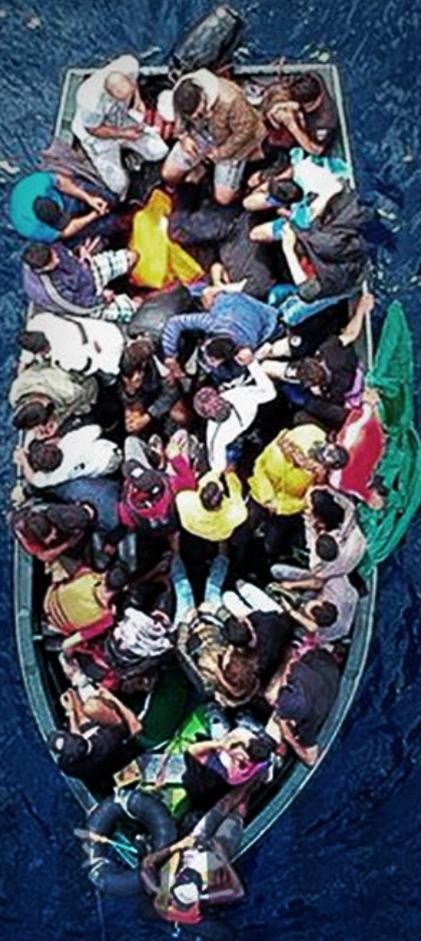


Santiago
D'Amico



Victória
Louise

*Alunos
formandos do
Bacharelado
em Teatro
2023.1*



*Se a gente tivesse certeza
que depois da morte existe
o paraíso, a gente ficava
no país da gente.*

FICHA TÉCNICA

TEXTO	Matéi Visniec
DIREÇÃO E ADAPTAÇÃO	Marcus Alvisi
DIRETOR ASSISTENTE	Hamilton Dias
PREPARAÇÃO VOCAL	Rose Gonçalves
PREPARAÇÃO CORPORAL	Luciana Bicalho
ILUMINAÇÃO	Carlos Lafert
CENOGRAFIA E FIGURINO	Nello Marrese
TRILHA SONORA	Marcus Alvisi
OPERADOR DE SOM	Tiago Fonseca
PROJETO GRÁFICO	Rita Ariani
FOTOGRAFIA DO ELENCO	Pablo Henriques
DIREÇÃO DE PRODUÇÃO	Marcia Quarti

realização

CAL CASA
DAS ARTES
DE LARANJEIRAS